

AS PEDRAS PRECIOSAS: ESTRELAS CAÍDAS DO CÉU

*Júnia Ferreira Furtado**

Até o fim do século XVI, a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental, permitindo o conhecimento das coisas e guiando as formas de representação.¹ O jogo dos signos se baseava na idéia de que as propriedades comuns se assemelham e se confundem, com a essência mesma das coisas. As idéias são capazes de se materializarem nos objetos, transferindo para eles suas peculiaridades, características e virtudes. Esta é a gênese do realismo medieval. O estudo dos signos nos permite decodificar o imaginário medieval, pois este se encontra cristalizado nos elementos reais.

O espírito medieval tem a necessidade de ver a idéia viva, já que atribui a ela uma existência real. Nasce daí o símbolo e a alegoria, que concretizam e personificam as coisas invisíveis. Pode-se representar, aos olhos dos homens medievais, quaisquer abstrações. Os símbolos permitem relacionar uma infinidade de coisas, cada qualidade pode ter vários significados e cada objeto, por sua qualidade, pode significar inúmeras idéias. Determinadas concepções podem ter inúmeros signos, e estes permitiram que o espírito medieval pudesse transcender as deficiências da expressão lógica.

* Departamento de História. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG.

O diamante e as pedras preciosas têm uma simbologia muito especial e ocupam uma posição de destaque. O diamante é a primeira entre as pedras preciosas e se notabiliza por sua raridade, brilho, dureza, não cedia ante a qualquer matéria, nem ao ferro, nem ao fogo; e por sua transparência. “Uma pedra preciosa, além de seu esplendor natural, irradia o brilho de seus valores simbólicos. (...) Cada palavra da Ave Maria é uma das 15 perfeições da Virgem e ao mesmo tempo uma pedra preciosa, e é capaz de afastar um pecado ou o animal que representa este pecado. (...) Para citar (...): a palavra ‘Ave’ significa a inocência da Virgem e o diamante; afasta o orgulho ou o leão, animal que representa o orgulho”.²

Associavam-se às pedras preciosas certas virtudes maravilhosas que, se bem utilizadas, só podiam ser proveitosas aos homens. Estas extraordinárias propriedades de que seriam dotadas provinham, entre outras coisas, de sua intimidade com o céu. As gemas raras, especialmente os diamantes, seriam como estrelas brilhantes caídas na terra. Este raciocínio é inteiramente concebível dentro do espírito medieval, pois a analogia está na essência do pensamento desta época e assegura a semelhança das coisas através do espaço, podendo, através desta propriedade, aproximar as figuras do mundo, estabelecendo-lhes identidades. A analogia permite que “a relação, por exemplo, dos astros com o céu onde cintilam, reencontra-se igualmente: (...) nos diamantes com as rochas onde se enterram”.³ e que “o fascínio que despertam tem a mesma origem da atração exercida por formas mais vistosas e peregrinas, às vezes monstruosas, da Natureza e, singularmente, do Reino Animal”.⁴

No pensamento medieval as coisas que são semelhantes comunicam entre si seu movimento, suas influências, paixões e também suas qualidades e vícios. Liberadas da lei do lugar e atuando como o reflexo e o espelho, as coisas se limitam de uma extremidade à outra do universo, sem encadeamento ou proximidade.

Este movimento de aproximação é acelerado pelo jogo das simpatias que, assimilando as coisas, anula a sua individualidade. Porém, a sua singularidade é preservada pelo seu contrário, a antipatia. O jogo da simpatia e da antipatia em atuação faz as coisas se aproximarem e, por outro lado, as mantêm distantes. As pedras preciosas eram panacéia universal para doenças do corpo e da alma, com efeitos que raiavam o milagroso. O diamante era capaz de impedir a ação dos imãs, “de dar a

conhecer os venenos, dissipar vãos temores e resistir a quaisquer malefícios. Qualidades, estas, de grande preço na vida de todos os dias, (...) (rompia-se, porém, se posto a macerar em sangue ainda quente de cabrito novo)”⁵.

O brilho do diamante era uma de suas virtudes mais cultuadas na Idade Média, principalmente porque incapazes de dar uma explicação satisfatória à beleza, reduziam-na à sensação de luz e esplendor. Este gosto por tudo o que brilha, fez com que as pedras preciosas fossem fartamente utilizadas como adorno para o vestuário, até nas obras de arte. A demarcação entre a pompa e a beleza não era distinguida, o esplendor era o único objetivo. O signo da semelhança materializava, especialmente no diamante por seu brilho, o ideal de beleza. “Para definir a beleza espiritual das coisas, Diniz o Cartuxo, compara-a sempre com seu brilho, (...) as ervas são belas por serem verdes; as pedras preciosas por serem brilhantes. (...) São Tomás dizia que uma das características da beleza é a claridade, por tudo aquilo que chamamos belo tem a cor brilhante”⁶.

Este gosto pelo luxo e principalmente pelo esplendor, representado pelas pedras preciosas, expressava-se em todos os setores da vida, seja na arte, no vestuário, nas festas, nas expressões religiosas, na arquitetura, etc. A Idade Média foi marcada por uma dualidade de concepções que não se opunham. Coexistiam espíritos devotos e mundanos no mesmo indivíduo e mesmo as expressões espirituais mais simples marcavam-se por um luxo inconcebível. Os homens do século XV reuniam uma austera devoção e o gosto do bizarro, do fausto e da pompa. Necessitava-se decorar a fé com a magnificência das formas, das cores e do brilho, em consonância com o ideal de beleza, que se limitava à idéia de perfeição, proporção e *esplendor*. “Se as regras da ordem eram muito severas, o convento-igreja, por outro lado, (...) era muito sumptuoso, todo reluzente de ouro e pedras preciosas.”⁷ “O vestuário de gala era ornamentado com centenas de pedras preciosas. O gosto imoderado do luxo culminava nas festas da corte.”⁸ “Van Eyck pode vestir os seus anjos e personagens divinas com brocados densos e rígidos, esplendendo em ouro e pedrarias, para sugerir as esferas celestiais”⁹.

As cores tinham também uma simbologia especial. Representavam um sentimento ou um estado de espírito. O branco, que representava a claridade, a pureza, era usado preferencialmente no vestuário e nos adornos, superado apenas pelo vermelho.

Os diamantes e outras pedras preciosas tinham tal importância que costumava-se dar-lhes nomes. Esta personificação dos objetos inanimados vem da noção de que as coisas impregnam-se das idéias que representam e têm uma mesma natureza. Para o pensamento medieval, cada forma tem uma função e é tão importante quanto a idéia que representa, por isso as coisas adquirem, de certa forma, vida própria. Os brilhantes são pedras tão fascinantes, que mantêm até hoje este costume. “(...) alguns diamantes célebres são ainda conhecidos pelos próprios nomes (...), diversas jóias de Carlos, o Temerário, tinham os seus nomes”.¹⁰

1. A BUSCA DO PARAÍSO TERRESTRE

A adoração das pedras preciosas se confunde, a partir do século XIV, com a busca do paraíso terrestre, que acreditava-se estar localizado nos confins do Oriente. Esta região povoava o imaginário europeu com suas riquezas e maravilhas, pois recebiam desde os tempos clássicos o legado de histórias surpreendentes: “Jasão fora à Colquida, para se apoderar do Velocino de Ouro; Os Jardins das Éesperides tinham, nas suas árvores, frutos de ouro, que Hércules tinha colhido num de seus feitos heróicos. Do Oriente foram as riquezas de Ofir e Colconda levadas a Salomão e derramadas pelo mundo egípcio e grego, enquanto as misteriosas ilhas de Crísis e Argira eram buscadas com ânsia, para delas serem arrancadas, como de pedreiras, blocos de ouro e prata”.¹¹

A Bíblia fizera da Ásia a terra dos Reis Magos e do paraíso terrestre. O Gênesis o descreve como um lugar de riquezas e delícias, sendo estes dois itens indícios de sua aproximação. As pedras preciosas, o ouro e a prata passam a ser buscados e desejados. Procurá-los significa buscar o paraíso, encontrá-los significa estar perto dele. Paraíso, beleza, abastança e riqueza começam a se confundir no ideário medieval. “Ora, o senhor Deus, tinha plantado ao princípio um paraíso, ou jardim delicioso, no qual pôs ao homem que tinha formado. (...) Deste lugar de delícias saía um rio, que rasgava o paraíso, e que dali se repartia em quatro braços. Um se chamava Fison; e este é o que torneia todo o país de Evilate, onde nasce o ouro. E o ouro desta terra é excelente: ali se acha também o berilo e outras pedras preciosas.”

As histórias medievais sobre o Oriente tornaram mais imprecisas as demarcações entre as riquezas minerais e as evidências de um paraíso terrestre, localizado no fim da Ásia. O isolamento da região fazia proliferarem as lendas, como a história do Prestes João — que seria um rei cristão que reinava no extremo da Ásia, numa região de tesouros incalculáveis, muitas vezes confundido com o paraíso.

Contadores de história, como Sir John Mandeville, faziam estas terras maravilhosas e desejadas aos olhos europeus. Segundo ele, a África e a Ásia eram ambas “terras de fantasia — havia uma terra repleta de tesouros guardados por dragões e sobre o qual pairavam aves sem patas que passavam a vida toda no ar, (...) mulheres cujos olhos, feitos de pedras preciosas, podiam fulminar um intruso com um simples olhar”.¹² Mas também as confundiam com o Paraíso, e com o Reino de Prestes João. Para ele havia várias evidências paradisíacas, como rios procedentes do Paraíso, onde em suas águas corriam pedras preciosas em grande quantidade.

Os europeus, na verdade, quase nada sabiam sobre o Oriente, porque o caminho esteve bloqueado, primeiro pelos persas e a seguir pelos muçulmanos. Só por volta de 1250 é que o império Mongol deu passagem a uns poucos comerciantes europeus. Quando regressavam à Europa, suas estórias aumentavam os mistérios e as lendas. Marco Polo foi, sem dúvida, quem mais contribuiu para povoar o imaginário medieval sobre o Oriente. Seu livro das Maravilhas circulou pela Europa, excitando as imaginações sobre a riqueza mineral da Ásia. O rápido fechamento das rotas terrestres orientais facilitou a veloz difusão das estórias de Marco Polo.

Estas estórias enumeravam as riquezas dos reinos orientais, especialmente do Grã-Cã dos Mongóis. Este tinha os maiores tesouros do mundo, pois comprava tudo com papel moeda que emitia e era constantemente presenteado com magníficos objetos de ouro, pedras raras e brocados por seus súditos; a ilha de Cipango tinha uma abundância de pérolas rosas e variadas pedras preciosas, de uma riqueza incalculável; na província de Ciarchiã havia um rio com pedras preciosas em suas águas; na província de Maabar, o rei andava também nú, mas usava um colar de ouro, que era uma fiada de safiras, rubis, esmeraldas e outras pedras preciosas, usava braceletes e anéis com pedras grandes e finas, tinha tal tesouro em pedrarias, que era o valor de uma cidade inteira e, era

tão grande a quantidade que se encontrava em seu reino, que seu valor é incalculável; na província de Baschia os homens usavam brincos de ouro e prata com pérolas e pedras preciosas nas orelhas; o califa de Bagadá tinha um imenso tesouro em ouro, prata e pedras preciosas; Constantinopla, local de entrada para este paraíso, era onde se adquiriam jóias de rara beleza; e o Reino de Prestes João se localizava no final da Ásia.

Sua descrição do Reino de Murfili é alucinante: "(...) há neste reino várias montanhas onde se encontram diamantes. Quando acaba a chuva, (...) os homens procuram diamantes nos vales por onde passou muita água, e encontram-nos em quantidade (...) Além disso, existem na montanha muitas serpentes. (...) As serpentes são venenosas e muito más, e escondem-se precisamente nas cavernas, onde esses homens ousados vão buscar os diamantes. (...) Há um despenhadeiro profundo, a cujo fundo é impossível chegar; mas eles fazem o seguinte: tomam pedaços de carne que lançam com força no abismo onde se encontram os tais diamantes, que nela se cravam. Nestas montanhas fazem ninho muitos abutres, que se alimentam das serpentes. Quando estas águias vêem a carne no fundo do precipício lançam-se sobre ela e levam-na para os seus ninhos. Os homens espreitam o sítio onde a águia se refugiou e com a maior presteza marinhos até lá. A águia, espantada ao vê-los aparecer, levanta vôo, abandonando a carne, e nela há sempre cravados alguns diamantes. (...) As águias que apanham a carne não se detêm sem que a tenham devorado, tragando os diamantes também, os quais expelem depois nos excrementos e, neste guano, costumam também os homens encontrar diamantes. (...) Mas, na verdade, são grandes, magníficos e os melhores não são por certo, os que vão para as terras dos cristãos, mas sim as que levam ao Grã-Cã e aos reis e barões destas variadas províncias, reinos e senhorios".¹³

A partir das estórias de Marco Polo o Oriente se consolidou como a região de incríveis riquezas e abundância. Esta constatação fez com que se confundissem diversas lendas. O Reino de Prestes João, o paraíso terrestre, o Jardim das delícias, começaram a se misturar e a ter no Oriente sua localização mais segura. Não se distinguia mais a diferença entre riquezas materiais, como o ouro, a prata e as pedras preciosas, e as descrições paradisíacas, imaginadas e sonhadas. A riqueza, o luxo e, em especial, as pedras preciosas e os metais, serão divinizados, pois se tratam de símbolos que representam e garantem a proximidade do paraíso.

Vários poetas, escritores e filósofos escreveram a respeito deste Eldorado, um jardim de delícias, rico em ouro e pedras preciosas. Estas se confundiam e se identificavam com o paraíso, tendo o diamante como um de seus símbolos, por ser mais reluzente e eterno. A pedido do Rei Dom Manuel, seu camareiro, D. João Manuel, escreveu um poema sobre o Eldorado: “(...) o poeta (...) se vê levado a ameno recesso nunca visto por olhos mortais, onde correm 4 rios caudalosos e divisa ali 4 torres que se alteiam à 1ª esfera. Uma legenda sobre a porta, anuncia em *pépetuo* diamante: ‘que muerte no gostaria, quien alli fuesse abitante’.”¹⁴

O “Siglo do Oro Espanhol” também perpetuou visões paradisíacas. Novamente, as pedras preciosas, com seu brilho nunca visto, eram sinal e presença no Éden. “Os cimentos são todos de pedras preciosas (...). Nos muros resplandecentes como o Sol, que não deixavam ver por olhos humanos abrem-se doze portas, e cada qual é uma pedra preciosa. Torres e almeias surgem cobertas de cristal, (...) tudo retocado da luz e resplendor do verdadeiro sol que ali resplandece”.¹⁵

Esta busca do Eldorado e do Paraíso se configurou na expansão para o Oriente. Encontrar a rota oriental para as Índias, significava encontrar o tesouro e o paraíso. Esta procura não se relaciona ao ideal mercantil de acumulação, mas é um signo de fé. O homem medieval não busca as gemas e os metais para atingir novos fins, mas é um fim em si mesmo, pois cada forma encerra em si uma idéia, que deve ser cultivada e admirada. A expansão marítima traz em si a oposição dos espíritos já visíveis no século XV: residem num mesmo indivíduo — sem contradições — o missionário, o caçador de tesouros e do paraíso terrestre, com os mercadores e financistas, que marcam o nascente espírito capitalista. A busca do ouro, da prata e das pedras preciosas é, principalmente, uma volta à Idade do Ouro, uma busca do Éden. A riqueza e o brilho são signos de um passado perdido, mas que pode ser reencontrado. As pedras preciosas faziam parte deste horizonte divino, pois exprimindo qualidade sobre-humanas, geravam a maravilha e a veneração.

Esta relação entre expansão e busca do paraíso pode ser percebida por meio de vários testemunhos. Muitos filósofos procuraram provar, buscando inclusive evidências no Gênesis, que o Éden bíblico se encontrava em terras quentes, propícias à produção de maravilhosos tesouros e especiarias e que este, deveria ser procurado no extremo leste. O humanista João Pico Della Mirandola “procurando arrimar-se não em

aéreos conceitos ou místicas alucinações, mas em raciocínios sólidos, observava ele que, movendo-se o Sol de leste para oeste e entre o Câncer e o Capricórnio, 'as gemas, os aromas, tudo quanto requer calor celeste', hão de produzir-se de preferência nas partes do Levante e nas do Meio-Dia".¹⁶

As mentalidades européias no momento dos descobrimentos marítimos fundem a maravilha e o paraíso, com o lucro e a acumulação. Confundiam-se, novamente, a busca da riqueza com os motivos religiosos. Na verdade, para o homem medieval não existia esta dicotomia. À riqueza se associava o paraíso e esta funcionava mais como símbolo do que como capital. Será mais utilizada para adornar vestes e igrejas, do que como investimento. Por exemplo, no mesmo ano em que mandava Bartolomeu Dias à descoberta do caminho marítimo para as Índias, D. João enviava dois outros emissários por terra. Um deles deveria encontrar o caminho para as riquezas do oriente; outro era incumbido de descobrir o Reino de Prestes João.

A Europa reagiu à notícia do sucesso de Vasco da Gama com uma mistura de regozijo e alarma. D. Manuel escreveu à Fernando de Castela dizendo jubilosamente que toda cristandade, nesta parte da Europa, poderá se abastecer de especiarias e pedras preciosas. O Eldorado, como premonição de tudo que haveria de surgir depois, começou a alucinar os europeus. Outros países, além de Portugal, se lançaram ao mar por regiões desconhecidas, em busca de "um país maravilhoso, no meio de florestas colossais, onde vivia um povo dispoendo das maiores riquezas da terra".¹⁷

2. COLOMBO, O MISSIONÁRIO E VESPÚCIO, O CIENTISTA

O melhor exemplo de uma mentalidade medieval guiando os descobrimentos é Colombo. As terras que buscava não eram novas. Conhecia-se nos livros de vários filósofos e humanistas. Era o paraíso terrestre, localizado no extremo leste da Ásia. Colombo queria ir até lá encontrar o Grã-Cã ou o imperador da China e catequizá-los, devolvendo suas terras ao Papa. Misturava-se na sua figura o evangelizador e o conquistador, o missionário e o caçador de tesouros. Facilmente se

enlaçam as noções de um mundo de fantásticas riquezas e de maravilhosas delícias.

Quando Colombo propôs aos reis de Castela atingir as Índias navegando pelo oeste, ele já sabia de antemão aonde iria chegar, o que buscava e não tinha dúvidas. Lia no *Ymago Mundi*, de Pierre d'Ailly a idéia de procurar, além do oceano, os tesouros de que falava Marco Polo, o paradisíaco Jardim das Hespíredes, ou o próprio Éden Bíblico, que este afirmava estar numa região temperada além do equador. Sua fé guiava a sua observação e será assim o encontro de Colombo com as terras que ia descobrindo: o choque entre o que ele achava que deveria estar lá e a realidade que ele efetivamente se confrontava. Mas sua crença estava acima de sua observação e a primeira sempre guiará suas interpretações.

Segundo seus cálculos a terra que descobrira era efetivamente o extremo oriente e não uma terra virgem. Em nenhum momento duvida disto e, a todo instante, reúne provas de sua chegada às terras do Grã-Cã. Não é a experiência que o leva às certezas, mas o contrário, seu argumento é o da autoridade. Colombo já tem sua verdade pré-estabelecida, agora basta confirmá-la.

O primeiro pressuposto de Colombo é de que tinha atingido o Paraíso. Está tão certo disto, que a 21 de fevereiro, em sua volta aos Açores, manda registrar nos diários que: "O Paraíso Terrestre está no fim do Oriente, pois esta é uma região temperada ao extremo. E aquelas terras que ele acabava de descobrir são, segundo ele, o fim do Oriente".¹⁸ A partir desta constatação, não pode mais haver dúvidas. Tudo o que Colombo encontrar será usado em sua argumentação de que, efetivamente, chegara ao Éden Bíblico. Até mesmo quando a realidade o contradizer, esta será rearranjada de modo a confirmar o que diz.

A primeira preocupação de Colombo, uma vez certo de onde estava, era achar as maravilhas de que falava Marco Polo, para provar o que encontrara. A existência de ouro e pedrarias viriam indubitavelmente confirmar sua descoberta, além do que enriqueceriam os cofres de Sua Majestade. Por isto, é tão importante buscá-los e Colombo não mede esforços para tal. Tudo é usado como argumento para demonstrar a existência de riquezas infinitas: "[o capitão] diz que aquela infinidade [são as terras] que no mapa mundi se situam nos confins do oriente. E disse que achava que continham vastas riquezas, pedras preciosas e especiarias".¹⁹ Seu percurso é traçado a partir dos indícios da existência do

ouro que ele pensa encontrar. 'Decidi ir para o sudoeste procurar ouro e pedras preciosas' (*Diário* 13-10-1492)".²⁰

Quando a descrição do paraíso, o que Colombo encontrava nos livros, não coincidia com a realidade que ele encontrava, ele não tinha dúvidas, os livros estavam errados e o paraíso terrestre tem forma ou características diferentes das conhecidas. De maneira nenhuma era colocada em dúvida a existência ou a sua chegada ao paraíso. Na verdade, as dúvidas não existiam para Colombo, pois ele sempre soube de antemão para onde ia. "Descobri que o mundo não é redondo da maneira como é descrito, mas da forma de uma pêra que seria toda bem redonda, exceto no local onde se encontra a haste que é o ponto mais elevado; (...) e situada sob a linha equinocial deste mar Oceano, no fim do Oriente. (...) Estou convencido de que aqui é o Paraíso Terrestre".²¹

Colombo interpreta os sinais da natureza em função de seus interesses. Não se trata de buscar a verdade, mas de procurar os indícios que confirmarão as suas verdades. Estes indícios entrelaçam riquezas — gemas, ouro — e as delícias, pois numa natureza extremamente pródiga, parece admissível que se ultrapasse até o sobrenatural. Ao encontrar um grande rio de água doce e uma montanha, ele tem certeza de ter chegado ao paraíso e de que em suas proximidades se encontrariam riquezas em metais e pedras preciosas. Colombo não precisa encontrá-las para afirmar isto, pois não é a experiência que rege seu raciocínio. Ele faz esta afirmativa baseando-se na crença de que encontrara os rios que, diversos autores, associavam ao paraíso. Como São Jerônimo, na epístola CXXV, que associa o Ganges ao Pison do paraíso, que carrega copiosíssimas gemas em suas águas; e o Ymago Mundi que dedicava dois capítulos inteiros aos rios do paraíso com suas pedrarias e ouro. Esta é a sua visão das pedras preciosas, são sinais do paraíso terrestre, que ele crê ter encontrado, numa região que julga ser o Extremo Oriente. Estas têm ainda o significado de maravilhas, de objetos divinos, anunciando a proximidade do Éden.

Outros navegadores que se seguiram a Colombo, também buscavam o paraíso bíblico. Era-lhes impossível dissociar os valores terrenos dos espirituais; a epopéia da empresa marítima. Pois, para o espírito medieval, todas as idéias têm uma existência real e, sua materialização, são evidências concretas do espírito. Caboto, um explorador veneziano que explorou a região do Prata, "Saíra com o fito de descobrir, além das

Molucas, as ilhas e terras bíblicas de Tarchich e Ofir, assim como o Catai e o Cipango de Marco Polo, para carregar os seus navios de ouro, prata e pedras preciosas".²²

As pedras preciosas, os metais misturados e associados às visões paradisíacas impregnavam o imaginário europeu sobre a América. Os navegantes que para aí se dirigiam, apesar de rumarem para o desconhecido, tinham já a imagem do que iriam, ou deveriam, encontrar. O novo mundo não era tão novo assim, pelo menos na imagem que se fazia dele. É neste sentido, que Edmund O'Gorman diz que a América foi inventada, pois já existia no imaginário europeu, com suas inúmeras riquezas, muito antes de ser descoberta. Para ele: a "chave para resolver o problema da aparição da América estava em considerar este sucesso como o resultado de uma invenção do pensamento ocidental e não como um descobrimento meramente físico realizado por casualidade".²³

Vespúcio, ao contrário de Colombo, utiliza a experiência para estabelecer suas verdades. A natureza do seu pensamento é muito diferente. Em primeiro lugar, o que o move é a ânsia de descobrir que mundo é este e, por não partir de uma idéia pré-concebida, sua forma de observar a natureza é diversa da de Colombo. Isto lhe permite perceber que se tratava de um novo mundo e não de uma extensão do continente asiático, pois não buscava o paraíso nem procurava sua localização. Por esta mesma razão sua relação com as riquezas, encontradas ou presumíveis, é totalmente diferente. As pedras preciosas ou metais não são evidências do paraíso, e em primeira instância não lhe interessam, porque não foi sua procura que o fez viajar. Quando relata, à Sua Majestade, as riquezas vistas ou anunciadas é de outra forma. Seu espírito é muito mais moderno, a existência de riquezas é para ele apenas motivo de lucro e felicidade para Sua Alteza. Vespúcio é um cientista, baseia-se na experiência e não idéias pré-concebidas. Segundo ele: "por que fomos em nome de descobrir (...) e não de buscar algum lucro, não nos incomodamos em explorar a terra nem de nela buscar algum lucro, de modo que nela não ouvimos de coisa que fosse de alguma utilidade, não porque eu não creia que a terra não produza riquezas de todo o gênero por sua admirável disposição".²⁴

Ao longo de sua viagem, Vespúcio descreve as terras e os índios encontrados. Ao fazer isto sua postura é a do cientista que observa, duvida e chega às conclusões através da experimentação. Conta ao rei as

pedrarias utilizadas pelos índios, mas não garante sua preciosidade, até que sejam olhadas por experientes joalheiros. As pedras preciosas têm outro significado para Vespúcio, são bens materiais, que servem para adornar e enriquecer os cofres reais, compensando materialmente os gastos de sua viagem, e fazendo valorizar as novas terras. As gemas são valores terrenos e não espirituais, elas são o que são e não o que representam: “(...) as suas riquezas são penas de pássaros de várias cores, ou rosários que fazem de ossos de peixes, ou em pedras brancas, verdes, as quais se metem pelos lábios e orelhas, (...)”; trouxemos um grande pedaço de cristal que alguns joalheiros dizem que é berilo, (...) trouxemos 14 pérolas encarnadas que contentaram muito à Rainha, e muitas outras preciosidades, que nos pareceram belas (...)”; “furam as faces e os lábios e as orelhas, e não se creia que aqueles furos sejam pequenos ou que somente um tenham, (...) e mutilam eles estes furos com pedras azuladas, marmóreas, cristalinas (...) belíssimas”.²⁵

3. OS BANDEIRANTES E O ELDORADO

Com a descoberta da América e a exploração das especiarias asiáticas pelos portugueses, o imaginário europeu deslocou para o novo continente o paraíso, pois este ainda se encontrava virgem e promissor em riquezas, aventuras e sonhos.

O movimento bandeirantista, que a custo penetrava no sertão brasileiro, estimulado pelas estórias indígenas de grandes riquezas, permitiu o aparecimento de muitas lendas. A mais importante foi a crença do Eldorado, mistura de paraíso das delícias com local de riquezas em ouro, prata e pedras preciosas incalculáveis. Seus sinais seriam montanhas reluzentes e rios e lagos em cujos leitos corriam metais e gemas.

O primeiro ciclo de bandeiras partiu de Porto Seguro, em busca do Eldorado, das Amazonas e do Potosi espanhol, com suas riquíssimas minas de prata, que acreditava-se não estarem distantes do litoral brasileiro.

Um dos primeiros a espalhar a lenda do Eldorado brasileiro foi Felipe Guillén, nascido na Espanha, que fizera-se passar em Portugal por grande astrônomo e astrólogo. Parece que suas trapaças foram descobertas, pois logo aparece no Brasil como degredado. Escreve à D. João III a

respeito da lenda de uma serra resplandecente perto de Porto Seguro, de onde se avizinhava uma terra sem males e de inúmeras riquezas. Esta lenda nascera produto da colaboração de europeus e indígenas, que misturaram ao longo dos anos suas crenças, estórias e sonhos, com promessas de ouro e pedras preciosas. “Diz ele que: Era preciso outrossim, um perito em mineralogia, para ‘olhar a disposiçam da terra e o que nella ha, porque sem duvida a lla esmeraldas e outras pedras finas’. (...) Mais dias, menos dia, porém, um acaso feliz havia de proporcionar a el-rei de Portugal as pepitas, palhetas, pó e diamantes com que desde a infância lhe embalavam os sonhos”.²⁶ Prossegue ainda: “Ele próprio, no entanto, já podia anunciar sem dúvida havia ali esmeraldas e outras pedras finas, e como nada deseja mais do que gastar a vida em serviço de Deus e Sua Alteza, prontificava-se a ir em pessoa e estivera nessa disposição”.²⁷

Graças a estas informações foi organizada a bandeira de Fernandes Tourinho. Segundo os indígenas, havia nas vizinhanças de Porto Seguro uma serra com pedras do mais fino azul e rochas com metal amarelo. Tourinho, seguindo informações indígenas, supôs ter encontrado jazidas de esmeralda e safiras, numa lagoa ao norte de Porto Seguro. Subindo o rio Doce topou com uma serra de pedras verdes e, na volta, descendo o mesmo rio encontrou pedras verdes, vermelhas, azuis e cristais de maior pureza. Todos estes achados reforçavam a lenda do Eldorado e contribuïam para que a busca de pedrarias e metais fosse intensificada, na esperança de que, junto delas, se avizinhava o paraíso.

A bandeira de Antônio Dias Adorno, que deixou Porto Seguro a seguir, foi recomendada pelo Rei para que encontrasse algumas minas. Penetrou grande parte do sertão e encontrou diversas pedras preciosas, que foram mandadas ao Reino e, quando examinadas pelos lapidários, foram consideradas muito boas. Conclui-se, portanto, que o sertão era muito mais fértil em gemas do que se pensava e que estas eram conseguidas com facilidade, atraindo aventureiros de toda parte.

Martim de Carvalho assegurou, que a duzentas e vinte léguas da costa, encontrara serras de finíssimo cristal. A existência de pedras preciosas começava a deixar de ser um mito e se tornava realidade. O paraíso não parecia mais estar próximo, mas era a própria colônia com sua natureza exuberante e suas riquezas minerais. O paraíso, tanto sonhado, parecia ter sido encontrado. As notícias minerais do Brasil penetravam o

reino e faziam encantar os cronistas que as exaltavam e anunciavam o Brasil como uma porção paradisíaca.

Gandavo, escritor português, dizia que “inversamente ao que ocorre na Europa, as plantas (aqui) não sofrem no inverno: a Providência proveu a uma natureza perfeita, rica em gemas e metais preciosos”.²⁸ Para Rocha Pita, “o Brasil não apenas era a melhor porção do mundo, ‘vastíssima região, felicíssimo terreno em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas’, país admirável em que a natureza profusa desentranha férteis produções para ‘opulência da monarquia e benefício do mundo’: é o próprio Paraíso terrestre”.²⁹ Jaboatão descrevia o Brasil como uma “porção notável, deliciosa e rica da grande América, ficou muito tempo oculta à notícia dos humanos discursos”. (...) Ares saudáveis, frescas viragens, clima benigno, terreno fértil, o conjunto sendo todo recluso por duas preciosas chaves: uma de prata demarcando-lhe a porção sul; outra de ouro delimitando-lhe o norte. O autor procura desta forma uma aproximação com o paraíso terrestre”.³⁰

Todos estes autores associam a diversidade e profusão da flora e da fauna com as riquezas minerais e a possibilidade de existirem inúmeros tesouros. Aproximando-se muito do espírito medieval, relacionam tal abundância com o paraíso terrestre, edenizando a natureza pródiga em gemas e metais. O paraíso deslocava-se assim para a América, em especial para a região brasileira. Reaviva-se o mito do jardim das delícias, terras onde não há doenças ou velhice, cercada de muitos tesouros. Novamente, as pedras preciosas carregam seus símbolos, são a certeza da proximidade com o céu, com o que é divino e maravilhoso. Este ciclo de cronistas, enaltecendo as virtudes brasileiras, provoca uma nova leva de exploradores e caçadores de tesouros.

Antony Knivet, aventureiro inglês, que se desgarrou de uma bandeira saída de Parati, é um destes exemplos. Se embrenhou no sertão em busca de esmeraldas e pedras finas, presentidas por Felipe Guillén e anunciadas por Gandavo. Logo, encontrou pedras verdes, junto de montanhas deslumbrantes, outras brilhantes como cristais, vermelhas, azuis, brancas, que alegravam aos olhos. Todas as vezes que encontrava ouro e pedras preciosas achava que se aproximavam do Potosi, pois estava certo que este não era longe da costa brasileira.

O mito das esmeraldas, cujas lendas davam como certa a sua existência no Brasil, por muitas vezes desviou a atenção dos bandeirantes pelo diamante. Muitos não o conheciam em seu estado bruto e acreditavam que só existiam na Índia e em Bórneu. Fernão Dias Paes Leme, por exemplo, percorreu a região diamantífera, mas não os encontrou. Outras bandeiras que ali estiveram, recolheram o ouro de aluvião, que é um dos 'satélites' que acompanham o diamante, e não se deram conta das pedras brancas que deixavam para trás. Outra dificuldade foi que, os confundiam ou nomeavam de cristais brancos, sem coletá-los. Tudo isto contribuiu para que, durante algum tempo, o diamante fosse apenas um sonho para os homens do reino, constantemente buscado e imaginado.

Mas já na segunda metade do século XVI, os cronistas davam como certa a sua existência. No ano de 1702, o livro de Frei Antônio do Rosário – *Frutas do Brasil numa Nova e Ascética Monarquia* – “aponta entre os tesouros do Brasil o diamante, que seria então mandado ‘não em bisalhos, mas em caixas, que todo ano vem a este Reyno’, de sorte que se tinham convertido estas terras na verdadeira Índia e Mina de Portugal, ‘pois a Índia já não he Índia’ ”.³¹

As descobertas minerais eram tantas que Felipe III resolveu nomear D. Francisco de Souza, Governador de Capitania do Sul e Superintendente das Minas Descobertas e por Descobrir. Seu relatório inicial das riquezas existentes e ainda não exploradas no sertão é de alvoroçar a imaginação: ouro, prata, esmeraldas, pérolas, cobre, ferro, salitre e outras preciosidades achavam-se ali a espera de benefício. Sua Majestade tratou de tomar providências e, esperançoso, mandou técnicos especialistas nas diversas áreas e, entre eles, mineiros das Índias Ocidentais para o diamante.

Brandão, em seu *Diálogo das Grandezas do Brasil*, também enumera o diamante como uma das preciosidades brasileiras, exaltando suas virtudes. São qualidades intrínsecas ao diamante seu brilho, sua formosura, que atraem os homens, alegrando-lhes a vista. Beleza e brilho estão intimamente associadas e inseparáveis. Lembra-se também de suas propriedades miraculosas, associadas a todas as pedras preciosas. As gemas raras, por suas qualidades, são capazes de afastar males e são usadas como remédios para enfermidades do corpo e da alma. Mas ele não se esquece do seu valor enquanto investimento seguro e de bastante

liquidez. No espírito de Brandão, misturam-se valores medievais e modernos. As pedras preciosas são admiradas por inúmeros motivos, desde a beleza, passando por suas propriedades divinas, até como capital". (...) porque esses são uns partos que o tempo produz em muitos decursos de annos (...), que são pedras descobertas e tidas por preciosas desde o princípio do mundo; (...) pela reputação em que o mundo as tem, por serem reluzentes e campearem muito, com alegrarem a vista com fermusura; (...) que todos os homens de bom entendimento guardam porque os taes pretendem sempre ter uma parte de sua fazenda em pedraria pela grande estimação em que está tida pera com o mundo, e também por ser cousa que em qualquer parte, por pequena que seja, se pôde esconder e salvar sem ser achada; e assim, pera os casos repentinos que succedem, fica sendo de muita utilidade para quem as possui; porque nela levam cabedal para suas necessidades, segundo o preço e estimação das pedras. (...) Tudo isso é verdade, e ainda concebo que as pedras preciosas alegam o coração com sua vista, e para menenconizados é maravilhoso remédio".³²

Esta visão da colônia como um lugar paradisíaco vai se alterando com o passar do tempo. Os cronistas do século XVII já têm uma outra visão. O degredo, a escravidão e outras mazelas fizeram da colônia um local de purgatório e até mesmo de inferno. Durante muitos séculos povoou-se a colônia com os prisioneiros metropolitanos, que vinham para o Brasil pagar seus pecados e expiar suas culpas. A colônia foi, pouco a pouco, deixando de ser um local paradisíaco. Trocavam-se pecados por preciosidades. Pagavam-se as penas enviando as riquezas coloniais para a metrópole. Laura de Mello e Souza lembra que "o estigma da colônia como produtora e perpetuadora de impiedades foi suficientemente forte. (...) Impiedades que, purgadas, resultavam em diamantes resplandecentes: a colônia-purgatório se purificava (...) em gemas alvas, moeda para as importações metropolitanas, paliativo efêmero para as mazelas econômicas e sociais de Portugal. Diamantes e impiedades caminhavam juntos. Ambos brotavam, abundantes, das terras coloniais, engastando-se um no outro como dois pólos opostos e complementares".³³

Variadas visões começam a se fundirem e refundirem. Colônia de riquezas paradisíacas e de homens endemoniados. Riquezas que são usurpadas pela cobiça humana. Mas que continuam, ao longo dos séculos, a serem desejadas, admiradas e divinizadas. As pedras preciosas por seu

brilho, sua coloração, sua transparência continuam a adornar o colo das senhoras e a gerar o maravilhoso. O diamante, cada vez mais, continua a desafiar as gerações e a despertar sentimentos inexplicáveis. Seu nome, que em grego significa indomável (adamas), resume o seu simbolismo. Lembra-nos Fróes Abreu que “quando um brilhante é ostentado no dedo de um capitalista, ou no collo da mulher elegante, admira-se a beleza, calcula-se o valor mas ninguém se lembra das penas que muitos soffreram para que outros os ostentem. Negros que passaram ao leito do rio para o leito da morte. Judeus que tiveram insomnias pensando na pedra. Lapidários que ficaram cegos. Dahi preço elevado das gemmas. O que se paga não é o valor do carbonio, nem o esplendor do brilho, mas as vidas que custou, os riscos que soffreu, e as insomnias que causou!”³⁴

Os tesouros em metais e pedras preciosas encontrados no Brasil iam rapidamente enriquecer a metrópole, pagando os luxos da Corte. A colônia, por outro lado, via desde os tempos do açúcar sangrarem suas riquezas. Se o ouro já enriquecia os cofres portugueses, que não faria a descoberta do diamante, que se anunciava no Arraial do Tejuco no início do século XVIII? Diamantes incolores, cor de vinho, amarelos, verdes, verdes-azulados, negros avermelhados e vermelhos carmesins. Tesouros que alvoroçariam a imaginação da Metrópole e que faria cair, com maior impiedade, o braço duro da lei metropolitana.

NOTAS

1. FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas — uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1985. p. 33.
2. HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Loussã: Ulisséia, sd. p. 212/6.
3. FOUCAULT, Michel. op. cit., p. 37-8.
4. HOLANDA, Sérgio B. de. *Visão do paraíso — os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. p. 224.
5. HOLANDA, Sérgio B. de. op. cit., p. 81-2.
6. HUIZINGA, Johan. op. cit., p. 275-8.
7. Idem, ibidem. p. 189.
8. HUIZINGA, Johan. op. cit., p. 257.
9. Idem, ibidem. p. 270.
10. Idem, ibidem. p. 236.
11. LIMA JR., Augusto de. *A Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. p. 17.
12. Idem. Idade das explorações. In: *Biblioteca de História Universal Life*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. p. 31-2.

13. POLO, Marco. *O livro das maravilhas: a descrição do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 207-8.
14. HOLANDA, Sérgio B. de. op. cit., p. 196. (Grifo meu.)
15. Idem, ibidem. p. 190.
16. HOLANDA, Sérgio B. de. op. cit., p. 108.
17. LIMA JR., Augusto de. op. cit., p. 17.
18. TODOROV, Tzevan. *A conquista da América -- a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 17.
19. COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
20. TODOROV, Tzevan. op. cit., p. 8.
21. TODOROV, Tzevan. op. cit., p. 17.
22. HOLANDA, Sérgio B. de. op. cit., p. 85.
23. O'GORMAN, Edmund. *La invención de América*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.
24. VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo -- cartas de viagens e descobertas*. Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 73.
25. Idem, ibidem. p. 61, 93 e 111.
26. PRADO, J. F. de Almeida. A Bahia e as Capitânicas do Centro do Brasil I. In: *História da formação da sociedade brasileira*. São Paulo: s.e., 1945. v. VI. p. 304-5 e 309.
27. HOLANDA, Sérgio B. de. op. cit., p. 45.
28. SOUZA, Laura de M. *O diabo e a terra de Santa Cruz -- a feitiçaria e a religiosidade popular no Brasil colônial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 40.
29. SOUZA, Laura de M. *O diabo e a terra de Santa Cruz -- a feitiçaria e a religiosidade popular no Brasil colônial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
30. Idem, ibidem. p. 38.
31. HOLANDA, Sérgio de B. op. cit., p. 79.
32. BRANDÃO, Ambrósio F. *Diálogo das grandezas do Brasil*. (1618) Rio de Janeiro: Dois Mundos, s.d. p. 40-1.
33. SOUZA, Laura de M. e. op. cit., p. 153.
34. ABREU, S. Fróes. O diamante. In: *A riqueza mineral no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1937. p. 203-4.